ENTREMEZ
DO BARBEIRO POBRE.

PESSOAS.

Hum Barbeiro. | *Hum Almocreve.*
Hum Marujo. | *Huma Velha.*
E hum Rapaz.

Sahe o Barbeiro com huma viòla.

Barbeiro. HE possivel, que estando em Lisboa tantos mil homens, sendo o officio de Barbeiro o mais preciso, seja este o que experimenta mais as suas québras! naõ posso crer, que sendo já onze horas do dia, inda senaõ estreasse esta officina; e o que mais he, naõ ter eu nem dez reis para o governo da minha casa! hum Barbeiro honrado como eu, limpo de mãos, casado com huma Barbeirinha de bom gosto, sem ter com que a sustente! os filhos choraõ por paõ, e com huma entoada musica, hum daqui, outro dalli alternando a voz, e seguindo a clave

de bmol, ou paõ mol; diz hum, paõ, paõ, outro búa, búa; e a mulher porque lhe faltaõ os enfeites, reſponde em tom de contrabaixo, com voz de ſegunda peſſoa, pós, pentes, fittas, e outras ſimilhantes ninharias; e cá hum homem, ſe lhe diz em contraponto naõ ha, naõ tenho, naõ cobro; ella levantando a voz já em contralto, ou tiple, lhe diz: pois venha iſto, ſenaõ...... aquelle ſenaõ quer dizer que fará, o que hum homem de bem naõ quer que ella faça; e ſe lhe repito a ſolfa de naõ ha, ella batendo o compaſſo, ou o pé na caſa, e com voz deſentoada, por ver que a muſica lhe naõ corre a ſeu goſto, tudo ſaõ ralhos, e desfeitas; em quanto com as unhas naõ toca arpa cá no corpo do homem.

Eſtes, ſenhores, ſaõ os incommodos, que ſoffre hum pobre homem que quer viver honrado, e da ſua argencia; mas que hei de fazer, vou tocando neſta vióla, e ao ſom della disfarçando a minha pena. *Toca.* Eſtá-me agora lembrando quando eu era rapaz as coizinhas, que eu fazia com meus irmãos; eſtavamos morrendo com fome,

4.17.13. bd. of J. Baer & Co. $25.80 for set of 25

fome, e para noſſo pai nos dar de comer, entravamos em chuſma deſentoada a gritar, parecendo-nos, que aſſim nos daria o paõ: porém meu pai, que ſabia mais que nós, pegava em huma vióla, e punha-ſe a tocar o oitavado, o arripîa, e outros ſons daquelle tempo; e aſſim nos entretinha até que adormeciamos: porém eſtes meus rapazes ſaõ endiabrados, por mais que lhe toque, por mais que lhe faça feſta, nem a vióla os farta, nem os ſons os divertem.

Sahe o Marujo.

Mar. Á Sô Meſtri, deita-me eſta caria abaixo?

Barb. Entre, meu ſenhor, ſente-ſe, que eu o ſirvo depreſſa.

Mar. Pois havie-me, que tenho de ir á Penha, e depois para bordo da náo que vai para a India.

Barb. Sim, ſenhor, eu o ſirvo já, ſente-ſe aqui.

Mar. Ay! á ſô Meſtri, faça barbia capaz, porque eu cá ſou homem honrado.

Barb. Como os ladroens. *á parte.* Sim, ſenhor, tudo

75327

tudo o que quizer.

Mar. Córte-me eſtas farripias, e faça-me eſte topéte, coiſa de arromba.

Barb. Deſcanſe, que tudo ſe fará: moleſta a navalha?

Mar. Naõ, porque eu tenho caria de caõ: Inda que ella foce huma fouce roçadoria.

Barb. V.m. para donde faz viagem?

Mar. Para a India; e depois hei de voltar a Mereca, alturas de Santarem, lá como quem vai para Laria.

Barb. E V.m. de que terra he?

Mar. A minha terra he Alintejo, ſou filho natural, e ſou de natural mui colerco, trago ſempre a minha faquinha, o meu cachimbo, e o meu bambú.

Sahe o Almocreve.

Alm. AXô Meſtre, faz eſtes begodes?

Barb. Sim, ſenhor, entre.

Alm. V.m. eſtá occupado, e eu tenho as beſtinhas na rúa carregadas, naõ poſſo aguardar, vou a outra banda.

Barb. Venha cá, ſenhor, que vou já; o ſenhor

nhor Marinheiro dá licença.

Mar. Faça a barbia ó ſenhor, que eu iſpero hum bocado.

Alm. Pois vamos a iſſo depreſſa.

Barb. Sente-ſe, deixe-lhe pôr a toalha.

Alm. Vamos depreſſa, inda que ſeja rodilha naõ importa.

Barb. V.m. anda á ſardinha?

Alm. Já lhe cheira eſte frontiſpicio a ſardinheiro? pois olhe, eu naõ vendo ſenaõ peixe; mas ſou de taõ prove geraçaõ, que meu pai contou huma vez dez mal reis em cobre, com que mercou o dote para minha ermãa Luzia, a canhota; veja V.m. ſe lle he ſenhor de cabedais, ó naõ!

Barb. Certo que era bem rico!

Mar. Ay, que me zingaõ, tudo Voſſas mercês gaſtaõ em dar á taraméla? á ſenhor Meſtri acabe-me a barbia, que tenho que fazeri.

Barb. Eu vou a iſſo. *Vai para o outro.*

Alm. A'xô Meſtre, entaõ principia, e naõ acaba?

Barb. Eſpere, que eu vou acabá-la já.

Alm. Ay, doença! olhe que me levanto.

Barb. Eſpere, ſenhor; agora, agora o ſirvo. *Vai para o outro.*

Mar.

Mar. Eſtou arrinigado, eſta imboſia eſtá freſca; voſsê ſô Meſtri brinca cá com os homes do mari?

Barb. Agora vou a V. m. naõ ſe enfade. *Vai para o outro.*

Alm. Ay, ay! temos galhoſa: com que o Maruginho he melhor do que eu?

Mar. E que dúvida lhe põem voſsê? eu ſó valho mais que quantos arrioſcas ha.

Alm. Arrioſca ſerá elle, naõ me diga graças, ſenhor Marujinho.

Barb. Ora naõ vai a deſconfiar.

Alm. Quero a barba acabada, e tenho dito.

Barb. Sim, ſenhor, tenha paciencia, ſenhor Marinheiro.

Mar. Qual arenga; voſsê naõ ſe vai daqui ſem eſcanhotar a barbia. *Pega no Barbeiro.*

Alm. A mim he que ha de acabar primeiro. *Pucha pelo Barbeiro.*

Barb. He boa eſta! deixem-me, ſenhores.

Alm. Largue, ſenhor Marujo, que os homes da terra eſtaõ primeiro que os do mar.

Mar. Voſsê come-lhe o corpio? ó Meſtri acabe a barbia, e naõ queira ver-me arrinigado.

Barb. Ora eſpere, ſenhor Almocreve, que eu acabo depreſſa.

Alm

Alm. Naõ eſpero, tenho dito; vou-me embora.

Barb. Naõ ſe vá, ſenhor, que lhe acabo a barba. *Vai para o Almocreve.*

Mar. Antis que ſaia deſſe portado para fóra, me ha de pagari eſte affrontado.

Sahe o Rapaz.

Rapaz. A Senhor Jozei, o noſſo Meſtri, diz que vá já, e já embarcari para ir a bordio da fragatia.

Mar. A' ſô Barbeirinho, ouvio aquelle bello recadio?

Barb. Como he couſa depreſſa, eu largo daqui. *Vai para o outro.*

Alm. O maldito do Rapaz, veio agora apreſſar o Marujo de borra.

Mar. Ay, fragatinha! borria ſerá elle.

Rap. Vi, que fardo he eſte, ſenhor Jozei?

Mar. He hum tataranha de hum arrioſca, que me tem aqui ralhado mais de que hum alquilei.

Rap. A' ſô alquileizinho, diga, voſsê tem fome? pois eu trago aqui quatro vinteis, com

que

que o farte de facadas.

Barb. Cala a boca Rapaz.

Alm. Ora eſtá o mundo perdido! tu Rapazinho ques provar hum bocado de arrocho ?

Rap. Ay, que eſtou indo a elle; ſenhor Arrieiro deixe-me ; olhe, eu logo venho intaõ converſaremos. *Vai-ſe.*

Mar. Fie-ſe nelle, ha de ſacar-lhe a vida redondamente, melhor do que o diz.

Sahe a Velha.

Velha. AY, ſenhor Lecençado, V. m. ſabe que venho mortinha com dores de dentes ; tire-me eſte dente, ay, ande ſenhor depreſſa ; ay, ay que morro.

Barb. Coitadinha da pobre Velha ; venha cá filha, venha cá, que lhe dôe? quantos dentes tem ?

Vel. Na boca ſó tenho o do cizo.

Barb. Pouco cizo entendo que V. m. tem; ora ſenhores Voſſas mercês haõ de ter paciencia, que por força ſe ha de acodir a eſta neceſſidade : ſente-ſe ſenhora.

Velh. Meus meninos, peço-lhe, que ſe eu eſ-

eſpernear, e gritar muito, naõ ſe enfadem, porque ſei que hei de ter muitas dores.

Mar. Ora voſsê, ſenhor Arrioſca, he que tem a culpa deſta tratada ; já eu podia ter ido para bordio, e eſtar farto de ter arrebado a fragatia.

Alm. He bem aſno ; antes por ſeu reſpeito he que eu deixo de ganhar a minha vida.

Mar. Olhe naõ a perca voſſei ; pois eu tenho terado outras vidas mais grandes do que a ſua.

Alm. Cale a boca, que o meu arrocho naõ me he falſo.

Mar. A' ſenhor Sardenhero, voſsê xiba-nos ? logo viremos o ſeu primore.

Alm. Logo, e já, naõ lhe temos medo ; veremos o ſeu brio ſô Alfama. *Levanta-ſe.*

Barb. Ora, ſenhores, quem governa eſta caſa?

Mar. Pois ſô Meſtri corte-me os cabellos, antes que me chegue a moſtarda ás ventas.

Alm. Primeiro me ha de acabar a barba, que voſsê naõ he ninguem aqui.

Mar. O' Sardenhero de borria, voſsê diz iſſo a mim ? *Levanta-ſe.*

Velh. Ay, ay que me deſmaio ; á ſenhor Maruji-

rujinho, tenha purdença; e V.m. ſenhor Almocreve tenha pacença, que iſto ſaõ homes indiabrados.

Barb. Ora, ſenhores, accommodar que eu acabo já com todos.

Velh. Ay, ſenhor, ande depreſſa que me dôe muito o dente.

Barb. Sente-ſe, moſtre lá a boca.

Velh. Aqui eſtá; tenho muito medo, muito medo; ay, ay que morro.

Barb. Cale-ſe Velha; inda eu lá lhe naõ chego.

Mar. Ora travaconta como eſta naõ a poſſo ſoffrer.

Alm. Nem eu poſſo aturar ſimilhante corriola.

Velh. O' ſenhores, aſſenten-ſe, porque temo ſe deſavenhaõ.

Barb. Meus ſenhores, aſſenten-ſe, que eu vou cortar agora o cabello ao ſenhor Marinheiro, e depois deſpacharei os mais.

Velh. E o dente, ſenhor Meſtre?

Barb. Eſpere hum bocado.

Mar. Ora vamos, que hoje parece-me que ha de haver aqui muito môlho; corte-mo á moda.

Barb. Sim, ſenhor, eu farei iſſo bem feito.

Alm.

Alm. Eu naõ eſpero mais; ó Meſtre, ó a minha barba ſe ha de acabar, ou eu hei de fazer alguma fallada. *Pega no Barbeiro.*

Barb. Homem deixe-me, que logo o havio.

Mar. Senhor arrioſca, vá converſar cos burros, e deixe o Meſteri.

Velh. A' ſenhores, eu deſmaio-me, porque tenho muito medo de pendenças.

Alm. Acaba-me a barba, ſô Meſtre?

Barb. Senhor Marinheiro, eſpere hum bocado, que eſte homem eſtá deſeſperado.

Mar. Naõ quero; tenho dito: e que me importa a mim cá o Alquilei?

Barb. Importa, porque vai cuidar da ſua conveniencia.

Velh. Senhor Meſtre, ay que dores tamanhas! aqui he o cabo da minha velhice; ay que morro, morro com dores dentaes, acudame ſenhor Meſtre. *Cahe deſmaiada.*

Barb. Ay que deſgraça! á ſenhora, torne a ſi.

Mar. Cale-ſe ſô Meſteri, iſto naõ he nada, aqui eſtá o meu cachimbo, demos-lhe humas fumegadellas.

Alm. Com o meu arrocho era melhor; voſsê ſô Marujo ainda crê em desmaios de mulheres?

res? e mais eſtas Velhas, que ſaõ mullas maliciofas.

Mar. Voſsê he incréo? á ſenhor Meſteri, esfregue-lhe o coraçaõ.

Alm. Sim, com hum tijolo em braza, he bom remedio.

Barb. Eu naõ ſei o que hei de fazer a eſta mulher; porque neſte caſo naõ eſtou certo o que dizem os Authores da Medicina: A' ſenhora, que tem? eſtá já melhor?

Mar. Vá depreſſa Meſteri buſcar agua; e ſurrifea pela caria.

Barb. Eu naõ a poſſo largar; vá voſsê alli dentro, e traga aquella quarta de agua.

Mar. Sim, eu vou, que tenho mais hum palmo de caredade, que eſte ſalvatino Arrieiro. *Vai-ſe.*

Barb. A' ſenhor Almocreve, pegue aqui, que quero pôr promptos todos os ferros da Medicina, *perilut quæ poſſam venire*: pois naõ ſei ſe ſerá preciſo abrir eſte corpo, para com os olhos mais preſpicazes da Cirurgia, vermos o mal que tem.

Alm. Eu pego na Velha, que he o meſmo que pegar em hum odre de vinho. *Pega-lhe.*

Mar.

Mar. Aqui eſtá agua.

Barb. Eſpere, eſpere, que quero ver ſe torna a ſi com eſte offenſivo que aqui trago; que he hum remedio que me enſinou a minha lavadeira, q̃ foi muito perſeguida deſte mal.

Mar. Nada, naõ eſpero, tenho dôr da Velhada. *Bota-lhe a agua toda.*

Velh. Ay de mim, que já fui a outro mundo, e tornei a vir.

Mar. Que he iſſo minha Velhinha, agora ha de eſtar freſca.

Velh. Quem me molhou tanto? ay! eu eſtou alagadinha.

Alm. Deve eſſe beneficio ao homem do mar; elle cuidou que eſtava lavando as cavernas do navio.

Barb. eſtá já melhor?

Velh. Já tenho algum allivio; Voſſas mercês naõ reparem, porque eu tenho iſto de coſtume; algumas vezes me daõ eſtes incidentes vitorinos; ſuppoſto que outros Medecos muito peritos, dizem ſer deſmaio de preplexicos, outros que ſaõ vertagens da cabeça; e quando me daõ, muitas vezes dou com ella nos calcanhares; e alguns homens tem leva-

levado pinotes, que eu dou com as minhas raivas; por iſſo digo, que iſto naõ foi nada.

Barb. Ora eſtá bem, vamos a tirar o dente.

Mar. Agora eſtou eu primeiro.

Alm. E eu donde fico?

Barb. Voſſas mercês eſperem, que naõ queremos ver a Velha outra vez morta.

Alm. Morra, ou naõ morra, naõ me importa; leve a breca a Velha.

Velh. A' ſenhores, naõ briguem, que eu tenho muito medo de pendenças. Eu huma vez vi dois mariolas, que davaõ com as cangas huns nos outros taõ fortemente, que ſe deſpedaçavaõ; acudiraõ outros, e com os chouriços atiravaõ cada chouriçada, que cada huma era huma; ainda me parece que os eſtou vendo, forte medo tive! parece-lhe que he graça? tremiaõ-me as carnes: Pois dois lacaios, huma vez com os páos das boléas, foraõ canas; e duas regateiras na ribeira com as tamancas, davaõ cada tamancada pelas cabeças, que vi-lhe geito de ſe matarem, e depois vieraõ os ſeus maridos, e puxáraõ pelas eſpadas, e houve huma bulha muito grande; olhem meus

meus meninos, eu tremo de ouvir aquelles golpes; daõ-me logo os meus incidentes; nada filhos, naõ queremos brigas.

Mar. Tem voſsê contado maravilhas; voſsê porventura ſerá cryſtalleira?

Velh. Ay, naõ filho, melhor ſorte me venha; eu ſou caſamenteira; lembra-me agora que caſei huma rapariga com hum Marujo de boas prendas; elle todos os dias dava facadas, trazia capotes, bolſas, e lenços para caſa, que iſſo era hum horror; e quando eraõ dias de feſtas grandes, entaõ negociava elle melhor que nunca; era muito apoquentado de cabedaes, ſempre trazia dinheiro a valler.

Alm. Tem muito bom officio; caſamenteira!

Velh. Ay filho, naõ; iſto faço eu por fazer bem; que neſte mundo tudo he neceſſario para ſe viver.

Alm. Muito boas prendas tinha eſſe Marujo, logo pelo que voſsê conta, era ladraõ?

Velh. Ay, naõ filho! naõ diga iſſo; era hum moço muito bem poſto, e muito honrado; o que elle trazia, eraõ couſas que achava.

Alm. Sim, já ſei; o que achava! era ladraõ, vamos adiante.

Mar.

Mar. O' vilhaco, Arrioſca, Alquilei, Sardenhe-ro, burriqueiro, patifaõ, mariolaõ, bebe-daõ, e tudo o que acaba em aõ! voſsê ſô atrevidaõ deſcompõem cá os homes do mari, como eu? os homes do meu trato; naõ ſei donde eſtou, que o naõ faço em iſ-ca; voſsê he home, ó caſado? voſsê he ca-paz de fazer roda cá cos Marenheiros do mari; voſsê he capaz de fazer romages á Penha, á Talaia, ó Porto Salvo; voſsê tem baço para dar hum deſtranque, e gaſtar al-gum gimbo? fóra co a impolheta! ladraõ ſerá elle ſô cara de chicharro podre.

Alm. Voſsê ſô Marujinho, entendo que quer que eu lhe indireite o meu arrocho nas coſ-télas?

Velh. Ay, ay que eſtou tremendo; e quaſi quaſi, que me vejo accommettida dos meus incidentes.

Mar. Sabe o que lhe vale, ſô Sarnento, he ter eu dó da Velha, que naõ torne ahi a pernear, ſenaõ . . . . .

Alm. ſenaõ o que? ora embainhe, e logo ve-remos que valor he o ſeu; porque nos cam-pa? diga?

Mar.

Mar. Porque, porque ſou muito capaz de o abalroar com o traquête em pôppa.

Velh. Naõ ſe deſavenhaõ meus meninos; eu já eſtou perdidinha de ſuſto; já eſtou quaſi accommettida dos meus flautos; olhem ac-commodem-ſe, que eu lhe conto hum con-to, que me contou a mim huma Velhinha da minha terra.

Mar. Devia de ſer outra tal como voſsê?

Velh. Ay, naõ menino; era huma perfeita mulher; muito amiga de fazer bem; por certo que era boa creaturinha.

Mar. O' Velha, deixe-me, naõ quero ouvir contos, nem hiſtorias: A' ſenhor Meſteri, vamos a cortar as farripias.

Barb. Vamos, ſente-ſe V. m.

Mar. Sim, ſenhor; e V. m. ſenhor Arrieiro eſpere por mim, que havemos ir ambos.

Alm. Com voſsê! ora eſſa era freſca! Maru-jos naõ acompanhaõ com homes de bem.

Mar. De bem! ſim, e de bem longe deve de voſsê ſer.

Barb. Como quer V. m. o cabello?

Mar. He boa pergunta eſſa! cá o home quer as gadelhas no ultimo premori.

Alm

Alm. Ora diga, ſenhor Meſtre, eu hei de eſperar muito?

Barb. Muito naõ, alguma couſa.

Mar. Sente-ſe, ſem ſirimonia, que iſto logo ſe acaba.

Velh. Ay, ay, que agora me dôe muito o meu dente! ay, ay, acuda-me, ſenhor Meſtre, traga depreſſa a troquez, traga o eſgravatador.

Alm. Acuda á Velha antes que ſe deſmaie.

Barb. Moſtre cá ſenhora, que dente lhe dôe?

Velh. Eſte aqui, ande depreſſa, ſaque-mo á viſta.

Mar. A pobre Velha eſtá morrendo de dores.

Barb. Eu naõ vejo dente nenhum.

Velh. O do cizo he que me atormenta, veja bem ſe o acha.

Barb. Qual ſizo, nem ſiza; voſsê naõ tem aqui ſenaõ huma raiz.

Velh. Pois iſſo he que me dôe.

Barb. Ora tenha animo, tenha animo.

Velh. Vamos em boa hora.

Sahe

Sahe o Rapaz.

Rap. A Senhor Meſtri, acuda depreſſa, depreſſa a caſa da ſenhora Dona Fuſia, que eſtá com eſtupor; e mandaõ que lhe vá deitar ventoſas; acuda depreſſa ſenhor Meſtri.

Barb. Vem cá Rapaz; conta-me o mal que tem eſſa ſenhora.

Rap. Eu naõ lhe poſſo dizer mais; o que ſei he, que ella eſtá a urrar como hum leaõ; e a eſpernear como hum cavallo; e bota tanta eſcumada, que parece bebeo agua de ſabaõ.

Barb. Iſſo ſeria agua de ſabugo; naõ ſejas tolo; ora vai depreſſa, e dize, que em quanto eu chego, accendaõ huma pouca de eſtopa para as ventoſas, que lhe dem humas esfregações com hum tijolo em braza, e que lhe ponhaõ no peito hum emplaſtro de tormentina, e nos ouvidos azougue, miſturado com ſalitre; vai n'uma carreira.

Mar. O' Rapaz, dize, ſe querem lá huma Velha, que he boa cryſtalleira.

Velh. Ay! naõ digas iſſo Rapaz, que eu naõ

te-

tenho esse officio; porém se os seus flautos saõ vitorinos, que lhe façaõ esta mezinha: que lhe dem a beber aguas de formigas, que saõ excellentes para esses incidentes; e pernas de vibora, misturadas com olhos de tópeira, feito hum ingrediente da botica, he bom para lhe pôr nos olhos.

Rap. A' senhor Mestri, antes que ella estenda a canastra, venha acabá-la de matar; venha dar-lhe humas pirolas daquellas bólas, que fazem os bizoiros; venha dar-lhe huma sangria nas meninas dos olhos; e venha pôr-lhe hum caustico de agua forte; que he o que lá querem lhe faça; venha depressa, naõ se demore.

Barb. Senhores, a esta necessidade he preciso acudir; esperem que eu pouco tardo; chego lá, e em se botando duas mezinhas de cal, sal, e enxofre, que he o que nestes casos costumo applicar, logo a mulher torna em seu acordo.

Velh. E mexa tudo isso com vinagre bem forte, e uvas de caõ.

Barb. Tudo isso faremos; eu venho logo.

Vai-se.

Mar.

Mar. Ora muito bem, senhor Alquilei; vossê, e a Velha saõ culpados de eu estar aqui.

Alm. E antaõ, que temos? temos alguma demazia?

Mar. A demazia logo lha darei.

Velh. Ay filho, socegai, que eu vos quero contratar hum casamento muito excellente.

Mar. Vamos a isso, seja a moça boa, e rica, que he o que cá o home quer.

Velh. Eu conheço huma rapariga, que he filha de hum homem, que foi muito nomeado nesta Corte, o qual nunca sahia fóra sem levar hum grande acompanhamento; morava ao limoeiro, e o seu nome era Sebastiaõ.

Alm. Esse era o Carrasco.

Mar. Cale-se sou Arriosca, deixe dizer a senhora.

Velh. Olhe menino, assim he; porém isso naõ quer dizer nada, porque o pai já he morto, e ella he moça de muitas prendas, sem nota no sangue, e com raras habilidades para tudo.

Mar. Ora senhora Velha, va-se embora, e leve-a a bréca, e mais ó seu casamento, que

que o naõ quero ; inculcá-lo póde alli ó amigo Sardinheiro , que só para elle he bom.

Alm. A' senhor Marujo, deixe fallar a senhora , e cale-se.

Mar. Naõ quero vilhaco; vossê manda-me calar.

Alm. Vilhaco será elle, maroto, brejeiro.

Mar. Maroto, e brejeiro a mim! agora saberá o meu primore, e quem he o Fragatinha , que com esta faca lhe ha de pôr as tripas ó Soli. *Tira a faca.*

Velh. Ay, eu estou tritando maleitas de medo; tenha maõ senhor Marujo. *Pega nelle.*

Alm. O' magano , para mim com faca! com este arrocho lhe hei de pilar o corpo; embainhe logo logo a faca , senaõ ..... *Querendo dar.*

Velh. A' senhor, tenha maõ , naõ mate o homem. *Pega no Almocreve.*

Mar. Espere vilhaco, insolente : Ay, aqui está o Fragatinha, agora sou eu. *Vai a dar com a faca.*

Velh. Tenha maõ, senhor Marujo; ay, quem acode? *Pega nelle.*

Alm.

Alm. Vossê he atrevido vilhaco ? com faca para mim , que o hei de ingolir. *Dá no Marujo, e na Velha.*

Velh. Ay de mim, que por acudir á briga sahi tambem chrismada.

Aqui brigaõ os dous, e sahe o Barbeiro.

Barb. Que he isto na minha casa maganos? naõ me tem respeito a mim, fazendo motins na lója, e entre visinhança honrada; pois levaráõ.

Pega em hum páo, e entra a dar em todos, e acaba-se ás pancadas.

F I M.

Pro-

PRotesta o Author deste Entremez, que tudo quanto nelle diz (como filho obediente da Igreja Catholica, e fiel vassallo de Sua Magestade) sujeita á correcçaõ dos dignissimos Censores da Real Meza; e se nelle ha alguma cousa dissonante, declara, que a sua mente he, que se repute *tanquam non dictum*.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.

Anno de 1769.

Com licença da Real Meza Censoria.